



## POESIA E MEMÓRIA INDÍGENA: "IRACEMA" DE JOSÉ DE ALENCAR E "MEU VÔ APOLINÁRIO", DE DANIEL MUNDURUKU

### POETRY AND INDIGENOUS MEMORY: "IRACEMA" BY JOSÉ DE ALENCAR AND "MEU VÔ APOLINÁRIO", BY DANIEL MUNDURUKU

Claudenice Soares da Silva<sup>1</sup>  
Francymar Rocha Ribeiro<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é analisar a poesia e memória indígena presentes nas obras "Iracema", de José de Alencar e "Meu avô Apolinário" de Daniel Munduruku, assim como suas relações com a expressão do mito e da realidade dentro das obras. Como metodologia, utilizamos uma análise de abordagem comparada das obras pautando-se crítica e teoricamente o trabalho em autores como Afonso Romano de Sant'anna (1973), Valmir de Souza (2008), Rogel Samuel (2000) e Antônio Cândido (2007).

**Palavras-chave:** Poesia, Memória indígena, Mito, Realidade.

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to analyze poetry and indigenous memory in the works "Iracema," from José de Alencar and "Meu avô Apolinário", from Daniel Munduruku, as well as its relationship with the expression of myth and reality in these literary works. As a methodology, we used a compared approach analysis of the works guided critically and theoretically by authors like Afonso Romano de Sant'anna (1973), Valmir de Souza (2008), Rogel Samuel (2000) and Antônio Cândido (2007).

**Keywords:** Poetry; Indigenous Memory; Myth; Reality.

1 Graduada do Curso de Licenciatura Plena em Letras-Literatura-PARFOR, Universidade Estadual de Roraima.

2 Graduada do Curso de Licenciatura Plena em Letras-Literatura-PARFOR, Universidade Estadual de Roraima.



## INTRODUÇÃO

Quando o Romantismo chegou, ao Brasil, houve a necessidade de se enaltecer a cultura nacional. O problema era encontrar um herói apropriado para a função, já que no Brasil não existiam cavaleiros, e os portugueses não representariam muito bem esse papel. Então o índio tornou-se o símbolo do homem herói brasileiro, de caráter independente, puro, de “bom selvagem”, como símbolo de bravura e honra que passou a povoar o imaginário brasileiro, principalmente nas obras de José de Alencar, que foi um dos autores mais relevantes do indianismo brasileiro. Em relação a isso Sant’anna afirma:

Interessado em fixar a natureza essencial dos seres, essa mesma essência é rastreada através do poético, uma vez que mito e poesia soem estar congeminados. Acresce que num autor integralizador de formas e conteúdos, seria contraditória a escolha de outra língua que não aquela que definiu como expressão “natural” do homem brasileiro. Embrica-se aqui, então, toda a luta de Alencar por dar à nossa literatura o instrumento expressivo que lhe era necessário. Ao definir-se uma língua mais brasileira que portuguesa, ele estava reafirmando metaforicamente a Natureza diante da Cultura. (Sant’anna 1973, p. 81)

Surgiam desse modo os romances indianistas em que o índio é visualizado a partir de uma ótica própria do romantismo brasileiro, e que de fato não corresponde com suas características reais, simbolizando os ideais de heroísmo presentes somente nas camadas elitizadas da sociedade imperial. Esse foi um momento de grande impulso na literatura brasileira na prosa e na poesia que desde então vem apresentando resultados bastante expressivos, sobretudo nos dias atuais, com a valorização da cultura e literatura indígena.

Pensando na importância do indianismo no Brasil, a intenção deste artigo é realizar, por meio de uma pesquisa bibliográfica, uma análise comparada que procura esclarecer de que forma a poesia e a memória indígena se

fazem presentes em duas obras bastante distintas: “Iracema”, de José de Alencar e “Meu vô Apolinário: Um mergulho no rio da (minha) memória”, de Daniel Munduruku, que se apresentam em gêneros distintos, porém, retratam memórias de uma realidade indígena contadas a partir de diferentes prismas reais, sobre o mesmo tema: o índio. Busca-se ainda examinar a relevância das correlações entre memória, mito e realidade nas obras citadas.

## IRACEMA

A obra “Iracema” de José de Alencar conta a triste história de uma índia tabajara, Iracema, a “virgem dos lábios de mel”, filha do pajé Araquém, guardião do segredo da Jurema e Martim Soares Moreno, personagem histórico real e primeiro colonizador português do Ceará, tendo como pano de fundo o conflito entre as tribos indígenas tabajara, que habitavam o interior do território brasileiro, e os pitiguaras que habitavam o litoral cearense e eram amigos dos portugueses.

O primeiro encontro entre os dois acontece quando o jovem caçador se perde na mata e encontra Iracema repousando em sua sesta. Esta é surpreendida pelo guerreiro estranho e, assustada, lança uma flecha que o fere. Percebendo que ele não esboçou nenhuma reação e que Martim não tinha intenção de machucá-la, parte para acudi-lo. Ela então o leva até sua tribo sendo este recebido pelo pajé, pai da moça, e como de costume, belas mulheres são levadas até ele por Iracema. Martim recusa e decide ir embora da tribo. Entretanto, Iracema vai atrás dele e pede que volte. Martim aceita. Começa nesse momento um amor mútuo.

Martim avisa que irá partir e Iracema dá a ele uma rede de presente seguida de um beijo, sabendo ela que não pode unir-se a ele por conta de ser a detentora do segredo da Jurema que, se quebrado, lhe causará a morte. Ocorre que o português, entorpecido



por uma bebida sagrada e pensando ser um sonho, toma realmente Iracema em seus braços, resultando na primeira noite dos dois.

Como Martim precisa partir, pois é ameaçado, Iracema leva o amado até o encontro do seu amigo Poti. Chegando ao local combinado, a jovem índia não permite que Martim continue sozinho e para isso revela ter tornado-se sua esposa durante a noite passada. Estando muito apaixonados, constroem uma cabana numa região próxima a uma aldeia amiga e decidem morar juntos. Os dois vivem felizes até Martim começar a ausentar-se para as guerras com tribos inimigas, junto com seu amigo Poti, deixando Iracema sozinha.

Martim também começa a questionar-se a respeito de sua felicidade e a sentir falta de sua tribo, o que o faz se afastar de sua amada que começa a perceber o distanciamento e, estando grávida, sente-se muito triste e relegada a segundo plano na vida de seu amado. Numa dessas viagens dos guerreiros, Iracema, que já sofria amargamente a ausência de seu amor, tem o filho sozinha e parte à procura de seu esposo e não o encontrando, volta para a cabana. O irmão de Iracema, Caubi, a visita e fica feliz em conhecer o sobrinho apesar de perceber o quanto a irmã sofre de tristeza e saudade que sente.

Apaixonada, sem leite para amamentar e sem forças, Iracema luta para sobreviver enquanto espera pela volta de seu querido que ao chegar, encontra sua bela índia em seus últimos suspiros entregando a ele seu filho para logo em seguida falecer. Martim, então entristecido, parte com seu filho para Portugal, e retornando anos depois, instala-se no local onde hoje existe a cidade do Ceará para lá viver com seu filho – primeiro cearense – fruto de seu amor com Iracema.

Observa-se neste enredo algo muito importante apontado por Cândido que são as características próprias de um romance

heróico. Segundo ele:

(...) a vida de um romance heróico é aparada, aplainada, a fim de que o herói caminhe numa apoteose sem fim. Os monstros, os vilões, os perigos, são parte do jogo e apenas aparentemente o constroem; na verdade, a luta é combinada como em certos tablados de boxe, e o herói não pode deixar de vencer; mesmo que o triunfo final não lhe pertença, pode sempre dizer, como Aramis a D'Artagnan: “Os homens como nós só morrem saciados de glória e júbilo”, a vida, artisticamente recortada pelo romancista, sujeita-se docilmente a um padrão ideal e absoluto de grandeza épica, pois no mundo falaz do adolescente, onde tudo é possível, a lógica decorre de princípios soberanamente arbitrários”. (Cândido, 2007, p. 538).

Neste romance, assim como nas palavras de Cândido, a heroína enfrenta com muita bravura e coragem os perigos que se apresentam em seu caminho – como a punição com a morte caso traísse o segredo da Jurema – na busca por viver um grande amor. Desafios como escolher entre sua família, seu povo e seu destino de guardiã não a impediram de lutar para desfrutar intensamente dessa afeição por seu amado. Mesmo quando, percebendo que sua decisão transformara sua vida numa batalha de sentimentos tomados por alegrias e tristezas, nada a impediu de escolher viver sua paixão. Apesar de toda essa luta, ela acaba morrendo, mas ainda assim, transforma-se na heroína que deixa plantada a semente de sua glória, que é o primeiro fruto da criação de um estado e também fruto de seu amor eterno, iniciando assim um novo ciclo da origem de um povo, de uma cidade. Ou seja, prevalece a grandeza épica da obra mesmo no pós morte, como num romance heróico há de ser.

### **MEU VÔ APOLINÁRIO: UM MERGULHO NO RIO DA (MINHA) MEMÓRIA.**

Em “Meu vô Apolinário” de Daniel Munduruku, o autor faz um relato de sua própria história como um menino que não aceitava sua condição indígena e por ter nascido e morado na cidade com seus pais,



frequentava uma escola de “brancos”. Por causa de sua aparência, os colegas na escola, lhe apelidaram de Aritana, epíteto de uma novela da Rede Tupi, de 1978, que tinha como protagonista, um jovem ator chamado Carlos Alberto Ricceli (Aritana) que encenava o papel de filho de uma índia e um homem branco, criado por um rico fazendeiro, que se apaixona pela médica veterinária Estela Bezerra – Bruna Lombardi. Estes e outros apelidos causavam-lhe tristeza, irritação e era motivo de brigas e confusões no ambiente escolar e com amigos.

Um jovem índio que morava na cidade tinha como seu maior prazer e momento de felicidade viajar para a aldeia familiar em Maracanã, onde ele podia sentir-se livre e ouvia as histórias contadas pelos mais velhos. Certo dia ele e alguns amigos perderam-se na mata e, segundo o pajé da tribo, foram distraídos pelo Curupira, mas foram espertos sendo resgatados sãos e salvos. Aos nove anos enfrentou sua primeira crise que ocorreu quando ele, declarando-se a uma de suas colegas da escola, e esta o recusando, foi motivo de chacotas pelos outros colegas que zombavam dele dizendo que não tinha conquistado o interesse da garota por que era feio, selvagem e índio.

Acontecimentos como esse o impediam de ver o lado positivo de ser quem era e de entender a importância de sua história. Nesse contexto, o autor precisou passar por uma série de dificuldades e situações constrangedoras para que recebesse de uma pessoa especial, seu avô, (com quem até então não mantinha uma relação muito próxima) o apoio e as orientações de que precisava para descobrir um infinito mundo novo, cheio de possibilidades, e compreender a importância de suas origens e o quanto ser quem era podia ajudá-lo a se conhecer, assimilar o mundo e aceitar-se a si próprio sem preocupar-se com a opinião ou o

preconceito dos outros.

## POESIA E MEMÓRIA INDÍGENA

Nos dois títulos observa-se a beleza na forma como são narradas as histórias. Para Manoel Antonio de Castro “O poeta ao elaborar suas obras, mais do que ninguém, sabe que a matéria que ele molda é a palavra” (Castro, 2000 p. 57). Neste contexto pode-se dizer claramente que a intenção do autor é a de provocar uma sensação no leitor e que uma destas formas de tocar o leitor é trabalhar seus sentimentos, suas sensações.

O texto-obra lança mão do discurso metafórico. O poder metafórico, por sua plurissignificação<sup>4</sup>, põe em tensão o emissor e o receptor, o leitor e a realidade (lida), de tal maneira que entre esses dois pólos se estabelece uma relação produtiva, dinâmica, daí texto-obra, ou texto que opera transformações e manifestações (Castro, 2000, p. 32).

Desta forma, o uso de figuras de linguagem como a metáfora, por exemplo, ou o uso intenso de adjetivações, apresenta-se como recurso para valorizar a narrativa podendo chegar a torná-la poética:

A alvorada abriu o dia e os olhos do guerreiro branco. A luz da manhã dissipou os sonhos da noite, e arrancou de sua alma a lembrança do que sonhara. Ficou apenas um vago sentir, como fica na moita o perfume do cacto que o vento da serra desfolha na madrugada. (Alencar, 2012. p. 17)

– Quando os pássaros vierem te visitar em sonhos, é bom ouvi-los, pois são os ancestrais que vêm junto com eles para dar forças e lembrar quem você é (...) Ele estava me ensinando quão bonito era ter uma origem, um povo, uma raiz, uma ancestralidade. (Munduruku, 2012, p.35).

Ainda segundo Castro, “toda obra realmente literária é uma completa e total poética implícita” (Manual de Teoria Literária, 2000, p. 58).

Tal poeticidade, apesar de ser um romance, pode-se ver em *Iracema* uma obra indianista considerada uma prosa poética com características épicas – por ser uma narrativa - e lírica por abrigar a subjetividade, a rica imaginação e a



criatividade do autor, carregada de comparações e adjetivos que faz com que a obra alcance, muitas vezes, a linguagem poética. Segundo Antônio Cândido, “Iracema, em 1865, brota, no limite da poesia como exemplar mais perfeito da prosa poética na ficção romântica” (Cândido, 2007, p. 536). Tal beleza poética pode ser percebida logo no início do segundo capítulo em que o autor descreve a personagem principal:

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a corça selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do Sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto.

Iracema saiu do banho: o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o uru de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão. (Alencar, 2006, p. 06).

A partir da observação desse trecho, percebe-se que o autor ressalta as qualidades de Iracema usando adjetivos e fazendo comparações com os elementos da natureza na intenção de valorizar a figura feminina na forma da índia descrita não como ela realmente é, mas muito melhor, diferente das

índias que existem nas florestas brasileiras, sensual, pura e poetizada.

Outros personagens no decorrer da narrativa também têm sua beleza ou comportamentos exaltados sempre com uma comparação relacionada à natureza ou ao comportamento animal: “O valente Poti, resvalando pela relva, como um ligeiro camarão, de que ele tomara o nome e a viveza, desapareceu no lago profundo.” (Alencar, 2012, p. 28). Neste recorte, o índio Poti é retratado de maneira diferente, com suas qualidades sendo comparadas a elementos da natureza.

Semelhantemente, Daniel Munduruku apresenta uma história real de sua vida narrada de forma bem direta e objetiva. A poesia em “Meu vô Apolinário” já começa desde a escolha do título, que propositadamente nos convida a “mergulhar no rio” das memórias do autor fazendo referências ao movimento das águas, ora agitados, ora calmos e serenos. Encontra-se presente também em alguns momentos da narrativa quando o autor descreve com uma linguagem simples lugares, sentimentos e emoções com tanta verdade e com tanta intensidade que nos transporta para uma lembrança de como deveria ser aquele ambiente ou a situação descrita. Já no início do relato o autor nos envolve no desejo de mergulhar na leitura ao registrar:

Gosto muito de contar histórias. Histórias moram dentro da gente, lá bem no fundo do coração. Elas ficam quietinhas num canto. Parecem um pouco com areia no fundo do rio: estão lá, bem tranqüilas, e só deixam sua tranqüilidade quando alguém as revolve. (...) É isto que quero neste pequeno livro: partilhar um pouco da minha história, da história do meu povo e do meu vô(o) ancestral que me levou a compreender a sabedoria que esta em todas as coisas e me fez descobrir que não nascemos para estar o tempo todo no chão. Nascemos com asas para voar em muitas direções, às vezes sem sair do lugar.” (Munduruku, 2001, p.07).

A linguagem poética presente na obra encontra-se no fato da simplicidade das



palavras contidas na narrativa muitas vezes utilizando-se de expressões próprias do falante como “tá um bocadinho”, “velho”, “fazer xixi”, para transmitir ao leitor uma realidade contada pelo narrador autodiegético que tem a intenção de envolver o leitor em seu relato. A sinceridade em suas palavras, a forma organizada como estruturou o texto com início em sua infância difícil e cheia de desafios e conflitos em que não gostava da ideia de parecer um índio e de ser xingado e apelidado e da pior situação que enfrentou quando criança, partindo para o momento em que descobriu em seu avô, até então quase desconhecido, um homem sábio que lhe ajudou com seus conselhos e sua sabedoria, a paciência e perseverança das quais o neto precisava para se descobrir como pessoa e o momento em que de fato pode descobrir-se e aceitar-se na condição de índio e finalmente sentir-se definitivamente feliz.

É interessante observar que a narrativa também faz menção e exaltação da natureza como partes importantes de sua construção, pois se observa que em dois momentos, a saber o que o autor se revela feliz e o que ele passa a ter esse significativo e profundo contato com a natureza, são aqueles nos quais ele realmente se sente realizado e livre, principalmente em relação à sua aldeia:

(...) um outro lugar maravilhoso... Por lá passei os melhores anos de minha vida. Hoje posso dizer que ele era um maestro acompanhando a melodia que os pássaros tocavam lá no céu... Temos que ser como um rio, meu neto. Temos de ter paciência e coragem. Temos de acreditar que somos apenas um fio na grande teia da vida, mas um fio importante, sem o qual a teia desmorona... (Munduruku, 2012, p. 31).

Em passagens como estas o autor busca mencionar que os ensinamentos de seu avô estavam sempre relacionados à natureza e desse modo era preciso respeitá-la, aprender a ouvi-la para, somente então, começar a ouvir seu coração e sua alma de índio.

A memória indígena presente tanto na obra de Alencar quanto na de Munduruku está sempre relacionada à natureza e a

relação que o povo indígena tem com suas origens e o respeito por seus ancestrais. As duas obras apresentam em sua narrativa a exaltação e a contemplação do poético em relação à natureza que está sempre em evidência na lembrança do índio, como parte de sua cultura, de sua sociedade e de si próprio.

## MEMÓRIA, MITO E REALIDADE

Segundo o dicionário, em uma de suas muitas definições, memória é: “1. Faculdade de reter as ideias, impressões e conhecimentos adquiridos. 2. Lembrança, reminiscência. 4. Inform. Dispositivo em que informações podem ser registradas, conservadas, e posteriormente recuperadas” (Ferreira, 2001, p. 488). Se a memória está relacionada à busca de lembranças define-se lembrança por “ideias ou recordações de fatos passados que se conserva na memória” (Ferreira, 2001, p. 453). As lembranças podem surgir a partir da convivência entre os diversos grupos sociais em um determinado período do passado e se manifesta no presente, através de documentos ou relatos orais como depoimentos, contos, testemunhos, repassados de uma pessoa para outra. Este é um processo muito antigo e muito eficiente por assim dizer. Um exemplo bem presente dessa manifestação é o da cultura indígena que transmite suas tradições, suas crenças, seus ensinamentos através da oralidade, por meio da transmissão de informações presentes na memória dos mais velhos.

Neste contexto, segundo Souza, “Os historiadores, em seus estudos, utilizam a literatura como documento, registro de fatos passados, e a literatura vem despertando o interesse por ser considerada uma expressão que atribui outros sentidos aos eventos históricos”. (Souza, 2008, p. 99). Nasceram então, os mitos, as lendas, com o intuito de buscar uma explicação para acontecimentos presentes na memória das pessoas, sejam



eles reais ou não.

O mito é o estágio do desenvolvimento do pensamento humano anterior à história, à arte e à lógica. O mito põe em cena personificações de coisas ou acontecimentos. É uma narrativa do que poderia ter acontecido no passado, se a realidade presente puder ser explicada pelo modelo de realidade que o mito propõe. Desta maneira se tocam os problemas do mito e da literatura, isto é, da poesia como nomeação das coisas da realidade". (Samuel, 2000, p.182,183).

Para Samuel, os mitos são pressupostos culturais e se concentram em nomear as coisas, ou seja, em criar. A partir da memória, se criam fatos, ações que seriam a representação metafórica da realidade e a explicaria de forma criativa, subjetiva e emocional.

E criar um mito significa extrair da realidade uma narrativa que, de modo não-lógico, enfrenta o problema de explicação da própria realidade. Ou seja, o mito seria uma metáfora da realidade, daí a ligação entre metáfora e mito. A literatura, como o antigo mito, participaria da mesma natureza imaginativa de explicação do mundo. A literatura participa da necessidade mítica de explicar a realidade. O mito é uma função da literatura. (Samuel, 1985, p. 183).

Para Samuel, “Realidade é tudo que for apreendido pelos sentidos. Real é tudo que só pode ser concebido pelo intelecto”. (Samuel, 1985, p. 15)

De acordo com Eliade, “Todas as grandes religiões mediterrâneas e asiáticas possuem mitologias” (Eliade, 1972, p. 8) e como são importantes não só para manter viva a cultura de um povo, mas para explicar o porquê de muitos comportamentos religiosos e culturais que acontecem em determinadas culturas e podem ser vistas como bizarras pelo resto do mundo. Por isso, apesar do passar dos anos e da falência de inúmeros rituais e relatos mitológicos, muitas histórias mitológicas ainda persistem sendo repassadas escrita ou oralmente de uma geração para outra apresentando como verdadeiros todos os acontecimentos narrados com o intuito de explicar algum

evento extraordinário. Dentre alguns dos aspectos característicos dos mitos de acordo com Eliade, neste contexto, pode aplicar-se os seguintes:

De modo geral pode-se dizer que o mito, tal como é vivido pelas sociedades arcaicas,...) 3) que o mito se refere sempre a uma "criação", contando como algo veio a existência, ou como um padrão de comportamento, uma instituição, uma maneira de trabalhar foram estabelecidos; essa a razão pela qual os mitos constituem Os paradigmas de todos os atos humanos significativos; 4) que, conhecendo o mito, conhece-se a "origem" das coisas chegando-se consequentemente, à dominá-las e manipulá-las à vontade; não se trata de um conhecimento "exterior", "abstrato", mas de um conhecimento que é "vivido" ritualmente, seja narrando cerimonialmente o mito, seja efetuando o ritual ao qual serve de justificação; 5) que de uma maneira ou de outra "vive-se" o mito, no sentido de que se é impregnado pelo poder sagrado e exaltante dos eventos rememorados ou reatualizados. (Eliade, 1972, p.18).

Percebe-se a mitologia como um relato da verdade e compreendido de forma distinta que, segundo Eliade, diferencia-se do conto justamente por ser verdadeiro em contrapartida do conto considerado como um relato falso.

Tudo o que é narrado nos mitos concerne diretamente a eles, ao passo que os contos e as fábulas se referem a acontecimentos que, embora tendo ocasionado mudanças no mundo (cf. as peculiaridades anatômicas ou fisiológicas de certos animais), não modificam a condição humana como tal. (Eliade, 1972, p. 12).

Nas obras comparadas observa-se a origem da criação das coisas, de uma cidade e da formação do caráter de um homem com sua aceitação de como ele é de verdade, passando da fase imatura, infantil, para uma fase madura, transformando-se em homem, através de uma iniciação, ambos sempre em contato com a natureza. O conhecimento é realmente vivido, a aprendizagem acontece e a lição que fica é a de que tudo o que acontece tem explicação. O sofrimento pelo qual Iracema passou fundamenta-se na posterior herança deixada por ela na criação do Ceará. Já em Daniel, para descobrir-se



como um ser humano importante de sua sociedade, era necessário enxergar o sofrimento pelo qual as pessoas discriminadas passam, enfrentá-los e ser encaminhado por um ser sábio que lhe apresentou caminho da verdadeira aceitação. Ambas as obras apresentam em seu enredo narrativas de rituais que verdadeiramente ocorrem nas sociedades tribais indígenas, como pode ser observado na descrição dos rituais de cura do avô Apolinário e dos guerreiros que tomavam a bebida sagrada em Iracema. Em resumo, “o mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma “história verdadeira”, porque sempre se refere a realidades”. (Eliade, 1972, p. 9) como já foi descrito.

Nesse sentido, “Iracema” surge a partir da necessidade do autor de recontar a realidade através de um mito, ou uma lenda como ele mesmo prefere dizer, construindo uma narrativa a partir um fato histórico, pois a obra é baseada na história real de um dos fundadores da cidade do Ceará, o português Martim Soares Moreno, que realmente era amigo dos pitiguaras e de Poti, transformada em uma linda e emocionante história de amor. Para Eliade mito “é sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente” (Eliade, 1972, p. 8). Percebe-se então, a importância da literatura na construção do mito e de sua transformação em uma nova realidade subjetiva, mas capaz de contar com emoção uma nova versão da realidade escondida na memória.

Na narrativa das lembranças de “Meu vô Polinário”, nota-se através de uma linguagem bem simples a verdadeira face dos costumes e do modo de vida do povo indígena e seu modo de transmitir sua cultura, o que, inclusive, nos remete a condição de que são dependentes da

memória para transmissão de conhecimentos.

Era o saci-pererê, a matintapereira, o curupira, o boitatá, entre outros. Nossas anciãs contavam a história de forma tão encantada que pareciam verdadeiras e todos morriam de medo, tanto que, muitas vezes, a gente não tinha coragem nem mesmo de levantar para ir embora. Nossa fantasia era alimentada e visitada por esses pequenos seres – verdadeiros – trazidos até nós pela voz cantilena de nossas avós.” (Munduruku, 2012, p.14).

As lembranças relatadas na narrativa construída por Munduruku são carregadas de emoções, sentimentos e descrevem com detalhes, sob a ótica de um indígena, os reais conflitos vividos por uma pessoa considerada diferente em uma sociedade, a realidade de diversas situações enfrentadas por uma pessoa que sofre preconceitos e perseguições pelo simples fato de ser diferente.

Chamar alguém de índio era classificá-lo como atrasado, selvagem, preguiçoso. E, como já contei, eu era uma pessoa trabalhadora que ajudava meus pais e meus irmãos e isso era uma honra pra mim. Mas era uma honra que ninguém levava em consideração. Eu ficava muito triste porque meu trabalho não era reconhecido. Para meus colegas só contava a a minha aparência... e não o que eu era e fazia.” (Munduruku, 2012, p.11).

As memórias apresentadas nessas obras convergem no sentido de que as duas apresentam a descrição de recordações da vida dos índios, suas crenças, seu modo de vida cotidiano, sua estrutura social e sua relação com a natureza baseado em lembranças, sejam elas de maneira real ou em forma de mito apresentando sob perspectivas diferentes a beleza, a natureza, o amor e o sofrimento.

“Iracema”, contada sob o olhar de um homem branco, remete a memórias voltadas para um comportamento mais europeizado, da heroína romântica que morre por amor. As lembranças presentes no enredo estão sempre relacionadas às belezas naturais do lugar e de Iracema, enquanto em “Meu vô





Apolinário”, contada a partir das próprias lembranças e focada nas experiências de vida do autor, apresenta uma narrativa mais curta e realista que conta a forma como ele conseguiu superar a grande dificuldade de aceitar sua condição de indígena e de compreender a importância dessa descoberta para si e para a forma como ele passa a se ver e ver o mundo e conviver em sua realidade.

Outra observação a ser feita é a do desejo de recontar o passado através de narrativas escritas em momentos atuais. Mitológica ou real, essas narrativas manifestam o desejo de explicar o porquê do princípio das coisas e suas possíveis consequências baseadas na perspectiva pessoal do autor. Nota-se nas obras analisadas que os personagens colocados no plano passado são envolvidos num enredo cuja finalidade é a de explicar o presente tendo como base o que ocorreu há muito tempo. Isso acontece até mesmo nos dias atuais. Segundo Eliade, o mito estará sempre vivo enquanto houver alguém com desejo de recontar o tempo passado, seja ele real ou mitológico.

De modo mais intenso que nas outras artes, sentimos na literatura uma revolta contra o tempo histórico, o desejo de atingir outros ritmos temporais além daquele em que somos obrigados a viver e a trabalhar. Perguntamos se esse anseio de transcender o nosso próprio tempo, pessoal histórico, e de mergulhar num tempo “estranho”, seja ele extático ou imaginário, será jamais extirpado. Enquanto subsistir esse anseio, pode-se dizer que o homem moderno ainda conserva pelo menos alguns resíduos de um “comportamento mitológico”. Os traços de tal comportamento mitológico revelam-se igualmente no desejo de reencontrar a intensidade com que se viveu, ou conheceu, uma coisa pela primeira vez; de recuperar o passado longínquo, a época beatífica do “princípio”. (Eliade, 1972, p. 134).

A presença dos mitos na literatura é relevante no sentido de tornar histórias contadas há muito tempo reais através de uma linguagem subjetiva ou realista sempre baseada nas perspectivas do autor não importando se são romances ou não e sim o

contexto ao qual querem se referir envolvendo o leitor a conhecer eventos diversos ocorridos no passado, contados de uma forma que, sendo antigos ou atuais, evidenciam a verdade de forma bem realista e envolvente, transformando seus protagonistas, em percussores de criações ou lições de vida, tornando imensamente significativa a narrativa.

Nessa perspectiva, pode-se observar nas obras citadas que a presença do real por trás das construções textuais apresentadas, apesar de contada de formas diferentes, assemelha-se em relação à importância da valorização do indígena, seja ele na construção de uma nação ou na forma mais simples de compreender sua relevância dentro da sociedade em geral.

## CONCLUSÃO

Pela observação dos aspectos analisados percebe-se que desde o surgimento do romantismo no Brasil, com a valorização do sentimento de nacionalismo presente no indianismo, as narrativas podem ser um produto de construção de uma identidade ou de um fato real a partir da reconstrução da realidade contada através de lembranças reais ou dos mitos.

Observou-se também que, mesmo em diferentes realidades textuais como no romance “Iracema” e no livro de relatos “Meu vô Apolinário”, podemos conferir a presença da linguagem poética e da construção da relação entre o real e o imaginário transpondo barreiras, sejam elas de histórias fictícias ou reais, históricas ou atuais, oportunizando a realização de elementos comparativos como identidade, realidade, mito e memória indígena, assim como a percepção de que em ambas as obras, houve a intenção de transmitir ensinamento, seja na origem da criação de coisas como uma cidade ou da construção de uma personalidade livre e que se aceita como um ser diferente. Além disso, as obras



apresentam em sua narrativa a exaltação e a contemplação da natureza, que está sempre presente na lembrança do índio, de forma engenhosamente poetizada, para evidenciá-las como parte de sua cultura, de sua sociedade e de si próprio.

Assim sendo, foi possível analisar duas obras distintas, mas com semelhanças em relação à construção do real a partir do relato poético de memórias indígenas sob diferentes perspectivas, associando-as à significação de mito, poesia e suas relações nas composições literárias em particular, procurando ressaltar a importância do ser índio na construção da identidade nacional e de sua própria identidade como ser humano capaz de se aceitar, enfrentar desafios e superar dificuldades.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, José. **Iracema**: grandes obras da Língua Portuguesa. Santa Catarina: Editora Avenida, 2012.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

ELIADE, Mircea de. **Mito e realidade**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1972.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI: O minidicionário da língua portuguesa/Aurélio Buarque de Holanda Ferreira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001)

MUNDURUKU, Daniel. **Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

ROGEL, Samuel. **Manual de Teoria Literária**. Petrópolis, Vozes, 1985.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Análise Estrutural de Romances Brasileiros**. Petrópolis: Vozes, 1973.

SOUZA, Valmir de. **Cultura e Literatura: diálogos**. São Paulo: Ed. Do Autor, 2008.